

MENDES, José Manuel. *Os implicados*. Porto: Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, 2015. 342 p.



Elegância e pensamento em *Os implicados*, de José Manuel Mendes

Le plus beau triomphe de l'écrivain
c'est de faire penser ceux qui peuvent penser.

(Eugène Delacroix, *Écrits*)

Nascido em Luanda em 1948, José Manuel Mendes, poeta, ficcionista, crítico, ensaísta, cronista, declamador, presidente da Associação Portuguesa de Escritores, cidadão com empenhada intervenção política, desde cedo se destacou na luta contra o poder ditatorial instituído pelo Estado Novo. Licenciou-se em Direito, em Coimbra, tendo sido deputado à Assembleia da República (1980-1991), presidente da Alta Autoridade para a Comunicação Social, leccionando actualmente no Curso de Comunicação Social da Universidade do Minho. Figura destacada no mundo das letras, com cerca de trinta títulos publicados nos géneros de poesia, ficção e ensaio, com predominância na poesia, a obra de José Manuel Mendes encontra-se amplamente antologizada e traduzida na Alemanha, Bélgica, Bulgária, Rússia e República Checa.

Os seus primeiros títulos de poesia – *Salgema* (1969), *A esperança agredida* (1973), *Pedra a pedra* (1977), *Os dias do trigo* (1980) – encontram-se mais próximos do que costuma designar-se como paradigma de intervenção social, herdeiro de alguns poetas do *Novo cancionero*, particularmente de Carlos de Oliveira, voz liberta de um cânone rígido do movimento neo-realista. Dir-se-ia que a própria voz de José Manuel Mendes está intrinsecamente vocacionada para o culto da Palavra, independentemente da sua função social, que não enjeita. Tal será particularmente notório a partir de *Limiar da terra* (1983), onde redobra de fulgor estético, mas não estetizante. *Depois do olhar* (1986), *Les ports inachevés* (1981) são obras que relevam de uma aguda depuração estética, mostrando o exímio trabalho da linguagem poética. Ernesto Rodrigues, um dos seus críticos mais atentos, confirma este nosso ponto de vista:

Em *Depois do olhar*, o ‘itinerário de pedras’ aperfeiçoa-se no relevo dado à segunda pessoa, ou sincopada interlocução com a pátria, a cidade, figurações de beleza “[...] Cresce a tensão ao optar pelo encavalgamento, confirmado em *Les ports inachevés*, ou pelas conjunções coordenadas no fortemente metafórico *Presságios do sul* (1993)¹.

Rosto descontínuo 1963-1986 (1992) – antologia organizada por Maria Graciete Besse – inclui poemas escritos entre aquelas datas, já incluídos em *Salgema* (1969), *A esperança agredida* (1973), *Pedra a pedra* (1977), *Os dias do trigo* (1980), *Limiar da terra* (1983) e *Depois do olhar* (1986). A antologia *Aspirações* (1995) reúne poesia do autor, mas também de Fernando Namora e Pedro Tamen. Seguiram-se *Antes de um outro rio* (1996), *A voz ao relento* (2003) e a antologia poética *Setembro outra vez* (2003).

Ao nível da ficção, o autor publicou os romances *Ombro, Arma!* (1978) e *O despir da névoa* (1984), que acompanham a resistência militar clandestina, e os contos de alto grau de simbolismo de *O homem do corvo* (1983), seu “compincha leal”, ambos instalados no Rossio, coração da “grande” capital e do pequeno capital do “lenço carregado de moedas”, sendo a ave metonímia da cidade, decapitada de outros valores mais alto alevantados. Textos de intervenção crítica e evocativa ou de crónica são, notadamente, *Charrua em campo de pedras* (sobre Alves Redol; 1975), *Por uma literatura de combate* (1975), *Mastros na areia* (1987), *Os relógios e o vento* (1995), *Prelúdio de outono* (1998), *O rio apagado* (1997), *Luz súbita* (antologia de prosa; 2002), *Porta de inverno* (2009) e *Cinzas de véspera* (2012).

Os Implicados, último título dado à estampa, reúne 65 textos de proveniência diversa, escritos ao longo de três décadas. O livro divide-se em 5 partes com sugestiva titulação: O oitavo dia da semana; Depois da morte; Diálogos; Junto à fala; Apócrifos, e por fim, Acabamento, onde o autor nos elucida acerca da sua origem diversa

¹ Ernesto Rodrigues, *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, v. 3, p. 650-651, 1999.



– imprensa, álbuns, catálogos, congressos, conferências, debates, apresentações, instâncias comemorativas. Estes textos não esgotam a constelação íntima do autor, bem diversa em extensão e nuclearidade, ainda quando inclua fragmentos do que aqui se colige. Conforme nos diz o autor, vêm na linha de *Os relógios e o vento*, *Mastros na areia*, *Porta de Inverno*, evocam personalidades, são tributos a amigos que nos deixaram, e, muitos deles, sobram do restauro de *Mastros na areia*. *O oitavo dia da semana* vem, no essencial, de *Prelúdio de Outono* incluindo ficções, errâncias, biografemas, relances, fascínios. Os *Diálogos* visam repor, da música à pintura, do teatro à fotografia, juízos e abordagens. *Junto à fala* e *Apócrifos* seleccionam, dispõem, reafeiçoam esparsos. *Depois da morte* e *Junto à fala* reproduzem alocações retiradas de registos áudio-magnéticos e mostram-nos um orador inteligente, culto e penetrante.

Este livro vem a lume no preciso ano em que se cumprem 50 anos sobre a infame vandalização da sede da Sociedade Portuguesa de Escritores, na Rua da Escola Politécnica, levada a cabo por legionários durante a noite de 21 de maio de 1965, sendo decretada a sua extinção administrativa, por ordem nada inocente do ministro da Instrução Nacional, Inocêncio Galvão Teles. Este acto indigno foi defendido pelo escritor afecto ao regime Joaquim Paço d’Arcos, num texto ignóbil intitulado *A razão dolorosa de uma atitude* (1965). Deste panfleto não figura qualquer exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa, e nenhuma razão aduzida consegue salvar o seu autor do atentado à liberdade que corrobora com a pena os actos vandálicos dos legionários ao serviço do regime, destinado à geena do esquecimento, como bem se observa no quase completo desaparecimento deste escritor na memória literária, não mais um *fellow passenger*, mas viajando no *hellbound train* de que nos fala a epígrafe de *Os implicados* – “*The only thing ultimately worth your concern is the anguish of your fellow passengers on this hellbound train*” –, assinada por Cormac McCarthy, autor de *Blood Meridien* (1985), que José Manuel Mendes indicou como marcante no seu percurso literário, entre outros².

Num dos *lieux de mémoire*, como os designou Pierre Nora, situa-se o texto “Sophia e o associativismo de escritores”, problematizando aquele acto antidemocrático no contexto do Grande Prémio de Novelística, atribuído à obra *Luunda*, de Luandino Vieira, preso político ao tempo encarcerado no Tarrafal. Este Prémio fora atribuído por um prestigiado júri, constituído por Alexandre Pinheiro Torres, Manuel da Fonseca, Augusto Abelaira, Fernanda Botelho e João Gaspar Simões. Em consequência desta

decisão, os três primeiros elementos do júri foram detidos em Caxias, sendo este um dos episódios mais emblemáticos da repressão do pensamento no Estado Novo.

É justamente neste texto que radica o título *Os implicados*, considerado pelo autor um marcador genológico, desvio, ardil, instância que deve, nomeadamente, a Walter Benjamin, Italo Calvino, Robert Musil, Gil Vicente. Lemo-lo como defesa intransigente do princípio democrático da liberdade de expressão, aludindo ao discurso que Sophia de Mello Breyner proferiu no I Congresso dos Escritores Portugueses, realizado nos dias 10 e 11 de maio de 1975, enquanto presidente da Assembleia Geral da APE:

É a poesia que me implica, que me faz ser no estar e me faz estar no ser. É a poesia que torna inteiro o meu estar na terra. E porque é a mais funda implicação do homem no real, a poesia é necessariamente política e fundamento da política.

Pois a poesia busca o verdadeiro estar do homem na terra e não pode por isso alhear-se dessa forma de estar na terra que a política é. Assim como busca a relação verdadeira do homem com a árvore ou com o rio, o poeta busca a relação verdadeira com os outros homens. Isto o obriga a buscar o que é justo, isto o implica naquela busca da justiça que a política é. E porque busca a inteireza, a poesia é, por sua natureza desalienação, princípio de desalienação, desalienação primordial. O poeta diz sempre: “Eu falo da primeira liberdade”.

E mais adiante:

É a poesia que desaliena, que funda a desalienação, que estabelece a relação inteira do homem consigo próprio, com os outros. Com a vida, com o mundo e com as coisas. E onde não existir essa relação primordial, limpa e justa, essa busca de uma relação limpa e justa, essa verdade das coisas, nunca a revolução será real (p. 170).

De onde resulta com extrema clareza o princípio político-literário enunciado por Sophia e que José Manuel Mendes compartilha, através daquela alusão titular:

Quem está realmente empenhado num país melhor e numa sociedade melhor, luta pela verdade da cultura. Aquele que é conivente da mediocridade é inimigo de uma sociedade melhor, mesmo que apregoe grandes princípios revolucionários. A revolução da qualidade é realmente necessária a uma revolução real (p. 170-171).

Para além do seu inequívoco interesse funcional decorrente da forma de conteúdo, *Os implicados* marcam a atenção do leitor exigente pela alta qualidade da forma de

² “Escrevo só o que não consigo não escrever”. Entrevista conduzida por Helena Teixeira da Silva, in *Jornal de Notícias*, 18 de outubro de 2004.

expressão fulgurantemente impressiva que nos revelam. O texto *incipit* do volume “Por esses mares” (p. 11) constitui disso eloquente exemplo. Partindo de uma situação do quotidiano – o sujeito sentado numa esplanada a ler os jornais –, traça o quadro do país visto pelos olhos de dois turistas sentados na mesa do lado, enquanto constrói uma contrapontística viagem imaginária pelos rios do mundo como forma de desforra, ao sentir-se verbalmente espezinhado pelos estrangeiros, e forjando um aliado no garoto que olha o sonolento crocodilo da subentendida *t-shirt* Lacoste, em expectativa de sol ausente. A visualidade, apenas sugerida, em música de fundo, um Elvis volteando no ar em “arquipélagos de ternura”. A pequenez do inominado rio em frente é contrabalançada pelo fascínio dos grandes rios para além do Tejo: Nilo, Amazonas, Missouri, Ganges, Sena também. Rios, “veias da terra sobre o azul e a chuva, lugares sem lugar, à escala dos sonhos sem tutela nem porquê”. O discurso-pensamento do sujeito chega-nos em forma de poesia – “Nesses rios viajarei outra vez em busca da primeira manhã do mundo” –, mas também em rastro de memória literária e figura em hipálage: “Acendo entretanto um cigarro, que se tornara pensativo pelo menos desde as páginas do Eça e os meus azedumes contra o tabaco”. O qual vai de imediato ser transposto em registo metonímico para o discurso dos estrangeiros vizinhos: “acendo-o e oiço o diálogo de dois turistas na mesa à direita”. O elemento pictórico é dado por contraste: “belíssima ela, em que filme vi uns lábios assim, tão na véspera de morderem?”, “uns lábios assim fazem naufragar uma ilha”. Todavia, a beleza da mulher é desmentida pela linguagem que sai da sua boca: “apercebo-me de que o casal maldiz dos portugueses como se papuas fossem, gente de cuspir para o ar, frigir miolos de andorinhas e tirar a pele ao freguês”. Catadupas de acusações que o narrador não desmente, mas de que se ressentem em desejo de “desfuliginar um

pouco a imagem da pátria”, sendo que é então que o título da crónica ganha espessura por mares de Vasco da Gama, Luís Vaz ou Pessoa, retomando a navegação em imaginária companhia do silencioso petiz *super flumina*: Ottava, Vitava, Neva ou até mesmo ao lago Baical. O tom picaresco do anti-herói em viagem, como é timbre deste tipo literário, desde o Lazarillo, surge em “punhaladas que põem o bestunto a sangrar, somos heróis a banhos, gozando férias, soldados rasos de portuguesismo, vale?” A frase final da beldade conspurca mais ainda o petiz: “Tão ranhoso e tão lindo” – como se do país os cobiçados lábios falassem.

Os implicados foram objecto de recensão com óptimo acolhimento no *Jornal de Letras*³:

Os textos primam pela qualidade literária e pela inteligência aliada à sensibilidade e ao afecto, face às obras, às pessoas, e às situações analisadas, comentadas ou evocadas. Abundam hoje as recolhas deste tipo que nada acrescentam; esta pelo contrário, acrescenta e traz de volta um escritor que é dos não muito numerosos que parece dar mais atenção aos outros e sua obra do que a si próprio.

Pelo elevado rigor formal e estético plasmado na elegância da escrita, em feliz aliança com a riqueza do pensamento, *Os implicados* sobressaem no panorama contemporâneo e constituem uma decantação do que de melhor o autor vem escrevendo, há várias décadas, confirmando, em cada página, o intenso prazer que nos deu a sua leitura.

TERESA MARTINS MARQUES
CLEPUL/Universidade de Lisboa

Recebido: 04 de abril de 2016
Aprovado: 21 de maio de 2016
Contato: teresacs@gmail.com

³ Texto não assinado, in *Jornal de Letras Artes e Ideias* de 18 de fevereiro a 3 de março de 2015.